

Observando o Islã em São Paulo – Nascidos e Revertidos ao Islã

Francirosy Campos Barbosa Ferreira

Francirosy Campos Barbosa Ferreira é a autora do artigo “Observando o Islã em São Paulo – Nascidos e Revertidos ao Islã” publicado no livro “Muçulmanos no Brasil – Comunidades, Instituições e Identidades”, cujo conteúdo é todo formado por textos de acadêmicos brasileiros que se debruçaram sobre a temática muçulmana. No que diz respeito apenas a Francirosy, a pesquisadora é formada em Ciências Sociais pela USP, mestra e doutora em Antropologia pela mesma Universidade. Foi professora da pós-graduação da UNICAMP e atualmente compõe o quadro docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Suas principais linhas de pesquisa são a Antropologia da Performance, Antropologia Visual e Religião Islâmica, na qual se destaca o interesse pela figura da mulher inserida nessa cultura.

Em um primeiro momento, a autora dedica-se a compor um panorama geral, contemporâneo e histórico, da presença de muçulmanos no estado de São Paulo: a criação de mesquitas e espaços de sociabilidade, as diferentes origens dos freqüentadores, as aproximações e afastamentos entre os variados grupos. A estimativa é de que haja atualmente algo em torno de 30.000 famílias muçulmanas em São Paulo. Um interessante dado informado pelo texto é a data de fundação da primeira organização muçulmana no Brasil, localizada em São Paulo capital, inaugurada em 1927 por imigrantes palestinos que sentiram a necessidade de criar para si um lugar onde pudessem discutir questões da comunidade, orar e se informar das novidades. Surgiu assim, a Sociedade Beneficente Muçulmana Palestina que logo em 1929 supriu o termo “palestina” de seu nome para estimular a inserção de outros povos. Rapidamente surgiu o desejo de erguer uma mesquita, o que se realizou no ano de 1946 e ganhou o título de Mesquita Brasil, a primeira a ser construída no país.

Em seguida, Francirosy explicita as razões que a levaram a escolher a cidade de São Bernardo do Campo como ponto central de sua pesquisa, tanto para o artigo como para sua tese de mestrado focada na mesma localidade:

“(...) considerei interessante investir em São Bernardo do Campo, porque, de certa forma, senti que lá havia mais do que uma (re) aproximação com o Islã. Tratava-se, à primeira vista, de uma comunidade que aparentava certo tradicionalismo: mulheres de véu, escola islâmica, muçulmanos morando próximos a mesquita, homens de barba (usual entre muçulmanos devotos) e, principalmente, a oração de sexta-feira, repleta de homens, mulheres e crianças.” (Ferreira, 2013; p.120 e 121)

Ademais, é frisada outra particularidade de SBC: a comunidade muçulmana não está restrita aos ‘revertidos’ da cidade e imigrantes que lá residem, a mesquita é igualmente freqüentada por pessoas de outras cidades, estados e até países. Nesse sentido, “(...) a noção de comunidade se mistura à de sociedade, muito mais complexa e abrangente.” (*ibden*, p.119) Há também o detalhe de que SBC é considerada uma “extensão de sua cidade natal” (*ibden*, p.125) pela maioria imigrante, a de libaneses. A cidade possui filiais do Centro de Divulgação do Islam para a América Latina (CDIAL), responsável pela edição de diversas revistas e publicações dedicadas ao público muçulmano, e da WAMY, uma ONG cuja atuação está direcionada aos jovens muçulmanos, através de programas sociais e educativos.

Para além do aspecto expositivo do texto, a autora problematiza a relação entre muçulmanos árabes de nascimento e brasileiros ‘revertidos’. A metodologia empregada foi entrar em contato com muçulmanos, sejam eles árabes ou não, por meio de uma comunidade virtual na rede social Orkut. Apresentando-se como pesquisadora, explicava a necessidade de descobrir como se equilibravam (ou não) as tensões entre os diferentes “tipos” de muçulmanos. As respostas obtidas foram muito variadas, mas o elemento mais mencionado nos depoimentos foi a existência de preconceito, tanto contra o árabe como contra o brasileiro, o que suscitou um debate mais amplo sobre a pureza das práticas religiosas. Em outras palavras, o pertencimento a uma cultura anterior, no caso a árabe, seria responsável pela contaminação do Islã com hábitos que não condizem com ele.

O que não foi levantado pelos depoentes é que o brasileiro ‘revertido’ também possui uma bagagem cultural que, independente de seu nível de comprometimento com a religião, irá interferir em como ele se posiciona perante ela.

Por outro lado, a comunidade muçulmana ainda é majoritariamente árabe em quase todas as localidades brasileiras e, além de compor os grupos de liderança, têm a vantagem lingüística de dominarem o idioma árabe (no qual o Alcorão é escrito), enquanto os brasileiros em sua maioria o desconhecem. Este configura um mecanismo de exclusão bastante comum, assim como a exclusão daqueles que se ‘revertem’ ao Islã para poder se casar com mulheres muçulmanas; ato muito mal visto pela comunidade em geral.

Por fim, é válido ressaltar a preocupação da autora de expor, não só a pesquisa em si e seus resultados, mas suas angústias enquanto pesquisadora em campo, as sensações ao adentrar as mesquitas, o contato com os entrevistados. Em suma, os elementos subjetivos que norteiam e motivam a prática do trabalho acadêmico.

Irene Niskier